
NOTÍCIA BIBLIOGRÁFICA E HISTÓRICA

Responsável

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

Departamento de História da Pontifícia
Universidade Católica de Campinas

ANO XII – Nº 101

JAN./MARÇO/1981

MODÉSTIA E GLÓRIA

(Em memória de Jorge Bertolaso Stella)

Odilon Nogueira de Matos

(Alocução proferida na Academia Paulista de História, em 20 de agosto de 1980, primeira sessão realizada após o falecimento do Acadêmico Jorge Bertolaso Stella.)

Há alguns anos, precisamente em 1974, tive oportunidade de publicar em jornal de Campinas uma série de artigos sobre a personalidade e a obra de Jorge Bertolaso Stella. Naquela ocasião, o saudoso confrade, embora avizinhandose já dos noventa janeiros, estava ainda em plena atividade cultural e foi justamente o recebimento de um dos seus últimos livros que me levou a escrever os artigos que estou mencionando. Impus-me o dever de prestar-lhe essa homenagem, pois não sou dos que acham dever-se esperar a pessoa morrer a fim de homenageá-la. As homenagens podem e devem ser prestadas ainda em vida, para o público reconhecimento de um valor, desde, obviamente, que merecidas. O que não poderia esperar é que aqueles artigos de 1974 pudessem, seis anos depois, servir, em boa parte, para o necrológio que neste momento traço

do saudoso confrade. Lamento sinceramente que meus prezados companheiros não tivessem a oportunidade que tive de conhecer de perto Jorge Bertolaso Stella, pois quando nossa Academia foi fundada, e Bertolaso convidado para ocupar uma das cadeiras, já suas condições de saúde eram precárias, não lhe permitindo freqüentar nossas reuniões. Só me recordo de o ter visto uma vez em nossos almoços, logo que estas agradáveis sessões tiveram início. Mas Bertolaso, embora sem poder comparecer, foi sempre interessado em nossa Academia, fazendo questão de tomar conhecimento de tudo quanto aqui se passava e cada vez que me escrevia (o que fazia com relativa freqüência) timbrava sempre em lamentar sua impossibilidade de comparecimento, a fim “de aprender com os sábios que aqui se reúnem”, como ele costumava dizer.

Meu relacionamento com Jorge Bertolaso Stella foi todo ele extra-acadêmico, e não apenas pessoal, mas familiar, pois era ele pastor da mesma comunidade evangélica a que pertenciam meus pais, o que explica nossa aproximação. E eu me permito mesmo iniciar esta palestra “em memória” de nosso saudoso confrade, recordando episódio de minha adolescência. Devia andar pelos doze para treze anos quando fui levado por meus pais a visitar uns parentes, modestos sitiantes no município de Lençóis, no interior de São Paulo. Meu tio — pois se tratava de um tio — era homem deveras singular, excepcional mesmo para o comum dos homens de roça em nosso País. Sem oportunidade de estudos regulares de qualquer espécie, pois viveu sempre na roça, tinha profundo interesse pelas coisas de cultura e uma extraordinária vontade de aprender, adquirindo, sozinho, conhecimentos que lhe permitiam tratar com desembaraço os mais variados assuntos. Como bom protestante, tinha diversas edições da Bíblia e alguns livros de doutrina religiosa, assinava o jornal de sua Igreja, bem como “O Estado de S. Paulo” e, como bom fluminense que era, até o velho “Jornal do Comércio”, do Rio de Janeiro. Em sua casa tinha entrada regular o **Eu Sei Tudo**, certamente a revista de maior penetração nos lares brasileiros na década de 20. Foi na sua modesta estante que vi pela primeira vez o clássico Chernoviz. Lia alguns romances em evidência na época, e entre eles lembro-me de lá ter visto — e lido — **A Linda de Chamounix**, de D’Ennery. Foi ainda em sua estante que encontrei um volume da edição original das viagens de Saint-Hilaire, justamente o mais raro de todos, a parte sobre o Rio Grande do Sul. Esse volume raríssimo do homem da saúva, como meu tio costumava dizer (em alusão a um famoso anúncio de formicida muito divulgado na época), nunca soube como é que foi aparecer num modesto sítio de Lençóis.

Sua casa era freqüentada regularmente por pastores da Igreja Presbiteriana em viagem pelo oeste de São Paulo. Lembro-me de ter visto uma fotografia tirada alguns anos antes de meu nascimento, apresentando, juntamente com meu tio, três pastores que coincidentemente

encontraram-se em seu sítio, na mesma ocasião. Três nomes que pronuncio com o maior respeito, diria até com veneração: um chamava-se Erasmo Braga; outro, Otoniel Mota, e o terceiro, bem mais moço, Jorge Bertolaso Stella. Na ocasião da visita que estou recordando, esteve também no sítio de meu tio um velho pastor de Botucatu, Francisco Lotufo, que lá fora especialmente para convidá-lo para um culto especial em sua igreja, num dos próximos domingos, e no qual deveria pregar Jorge Bertolaso Stella, então pastor de Sorocaba. Lembro-me da cena: a uma pergunta de meu tio se o “seu” Bertolaso viria mesmo, o velho Lotufo respondeu de pronto: “É claro que vem; a não ser que algum problema lingüístico o faça esquecer da vida”. É óbvio que se tratava de uma brincadeira, pois Bertolaso nunca foi homem de esquecer seus deveres, especialmente os religiosos. Mas a verdade é que a frase, cujo sentido eu mal podia alcançar nos meus doze para treze anos, gravou-se em meu espírito e nunca mais a esqueci. Desta maneira, quando, dez ou doze anos mais tarde vim a me aproximar de Bertolaso, tinha já uma excelente motivação em torno de sua personalidade e de sua obra.

Uns dois anos antes do episódio que acabo de relatar, Jorge Bertolaso Stella, então pastor da Igreja Presbiteriana Independente de Sorocaba, havia publicado **O Monogenismo Lingüístico: Traços de Glotologia Geral Comparada**, editado pela antiga casa Irmãos Ferraz, de São Paulo. Embora já houvesse no protestantismo brasileiro uma bela e honrosa tradição lingüística — de que são exemplos, entre outros, Eduardo Carlos Pereira e Otoniel Mota — ninguém se havia avantajado tanto quanto o modesto pastor de Sorocaba em suas preocupações em torno desse fascinante campo de estudos. Seu livro despertou o maior interesse nos meios filológicos e lingüísticos do País e do exterior, abrindo ao seu autor as portas de grandes instituições especializadas e merecendo toda a atenção por parte de glotólogos europeus, a começar pelo maior de todos eles, Alfredo Trombetti.

Jorge Bertolaso Stella era italiano de nascimento, mas veio para o Brasil ainda criança, com apenas três anos, acompanhando seus pais, modestos imigrantes que se localizaram no município de Mogi-mirim. Durante toda a infância e adolescência viveu na roça, trabalhando na enxada para ajudar aos pais, numa fazenda de café. Era praticamente analfabeto até os quinze anos de idade. Ao tornar-se protestante, sentiu-se vocacionado para a carreira sacerdotal e tratou de fazer os estudos que lhe permitissem freqüentar o seminário de sua Igreja e, depois, ordenar-se pastor. Uma vez ordenado, pastoreou diversas igrejas do interior paulista, fixando-se por mais tempo em Sorocaba. Dali saiu em 1933 para substituir a Otoniel Mota no pastorado da Primeira Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo, então localizada à Rua 24 de Maio. Até o fim de sua vida esteve vinculado a essa igreja, ultimamente na qualidade de “pastor

emérito". Quando as transformações urbanísticas da capital paulista tornaram praticamente impossível o funcionamento de uma igreja em pleno centro comercial da cidade, Bertolaso promoveu a venda do grande patrimônio da Rua 24 de Maio e a compra de outro, à Rua Nestor Pestana, onde se erigiu o mais belo templo evangélico da grande metrópole. Sua comunidade era a Igreja Presbiteriana Independente, a primeira organização protestante eminentemente nacional, totalmente desvinculada das missões norte-americanas e que resultou de uma cisão da Igreja Presbiteriana, em 1903, movimento esse liderado por Eduardo Carlos Pereira, que teve a acompanhá-lo mais seis pastores da comunidade presbiteriana.

Embora sem nunca descuidar de suas atividades pastorais, Jorge Bertolaso Stella empreendeu imensa obra filológica e lingüística, que lhe deu renome internacional. Ainda na década de 20, pouco depois do **Monogenismo**, publicou três importantes obras: **As línguas indígenas da América**, **A conexão lingüística basco-americana** e **A língua etrusca**. Este, constituiu o primeiro trabalho em língua portuguesa sobre o assunto, como o próprio autor fez questão, e mui justamente, de frisar no prefácio. Já estava com o livro pronto para o prelo, quando teve notícia da morte de Trombetti, ocorrida quando se banhava numa praia de Veneza, no dia 5 de julho de 1929. Isto lhe impôs o dever de dedicar **A língua etrusca** à memória do eminente glotólogo, a quem sempre votou especial veneração, e "à cuja sombra venho estudando a ciência a que ele dedicou sua existência", segundo escreveu na dedicatória.

O interesse e o respeito pela obra de Alfredo Trombetti propiciaram-lhe, ainda, escrever dois importantes trabalhos: **Trombetti e a Glotologia** (acolhido pela conceituada "Revista de Língua Portuguesa") e **A vida científica de Trombetti**, publicado em 1933. Nesse mesmo ano publicou **Vestígios da língua primitiva** e três anos antes, na mesma "Revista de Língua Portuguesa" já havia publicado **A língua sânscrita**, primeiro ensaio numa área a que veio, posteriormente, a dedicar-se com maior intensidade, como sua bibliografia o mostrará.

Em 1934 publicou **Glotologia e Pré-História** e em 1935 o opúsculo **A língua do Novo Testamento**, erudito ensaio sobre a língua grega, "a mais bela do mundo, por ser a língua dos deuses", no dizer de Schliemann.

Na calada das cousas feitas modestamente, sem alardes e sem prejuízo de suas atividades pastorais, Bertolaso continuou produzindo, dando à estampa, na década de 40 mais dois importantes trabalhos: **As sete cartas do Apocalipse** (que estudou não só do ponto de vista teológico, mas também lingüístico) e a **História da Glotologia**.

À década de 50 pertencem **A língua basca**, **Provérbios da Índia** e a vasta contribuição que passou a publicar na "Revista de História",

fundada em 1950 pelo nosso saudoso confrade Eurípedes Simões de Paula, e que, sempre aberta às mais variadas indagações do saber de interesse para a cultura histórica, foi o novo campo de trabalho de Bertolaso, como o havia sido anteriormente, a “Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo”, na qual publicou vários dos seus primeiros trabalhos. Com efeito, já no primeiro ano de publicação da “Revista de História”, nela estampava Bertolaso, além de resenhas bibliográficas, o ensaio **A morte de Pericle Ducati e a Etruscologia** e, posteriormente, **A religião de Jina, Cristianismo e Glotologia, História das Religiões, Religião e História, A origem da fábula, O Atharvaveda** e por fim **A Bhagavad-Gita**, que se estendeu ao longo de dez números da prestigiosa revista, sendo tirada depois em separata. E em publicações avulsas, deu-nos **Rig Veda, As descobertas dos papiros do Mar Morto, A oração na história das religiões, Religiões da Índia, Introdução às Upanichades, Introdução à História das Religiões, História do Indianismo, Zoroastro, Buda e Cristo, Os manuscritos do Mar Morto, a História da Reencarnação** (nas religiões orientais) e **O Homem**. E além de tudo isso, alguns livros de edificação religiosa, como **Mensagens Evangélicas** e **Diretrizes da Família Humana**.

Atentando simplesmente para os títulos de sua bibliografia, o leitor (ou o ouvinte) facilmente se compenetra de que se encontra diante de algo inusitado nos quadros da cultura brasileira, tanto mais que toda a sua obra, altamente valorizada por especialistas brasileiros e estrangeiros, resultou de extraordinário esforço autodidata, uma vez que, pela sua origem modesta, nunca se lhe ofereceram aquelas condições já não digo ideais, mas pelo menos razoáveis que lhe permitissem uma formação especializada nos grandes centros culturais da Europa ou dos Estados Unidos. Não. A obra de Bertolaso foi produzida aqui mesmo (creio até que ele nunca tenha saído do Brasil), nos poucos momentos de lazer de sua atividade pastoral. Quando vejo tanta gente, hoje como ontem, beneficiando-se de inúmeras oportunidades — bolsas de estudos, viagens ao exterior, subvenções, participação folgada (e vazia) em congressos, para, no fim, nada ou quase nada produzirem, quando não descambam para recursos pífos e desonestos, meu pensamento volta-se sempre para Jorge Bertolaso Stella, cuja obra realizou à custa de sacrifícios que só ele e Deus sabem, mas que todos nós podemos imaginar.

Com as parcas economias que pôde fazer, pois a carreira de pastor, tal como a de professor, foi sempre de sacrifícios, Bertolaso conseguiu formar talvez a melhor biblioteca existente no País sobre os assuntos de sua especialidade, e que ele generosamente doou ao Departamento de História da Universidade de São Paulo. Não sou invejoso, pois tantas são as bênçãos que Deus me tem prodigalizado que seria um pecado se o fosse. Mas, quando, na biblioteca do Departamento de História passava pelas estantes que alojam os livros que pertenceram a

Bertolaso — e entre eles via tantos cujos títulos nem conseguia entender — não escondia uma pontinha de inveja face a esse homem que conseguiu aprender tanta coisa, especialmente línguas, muitas que o comum dos mortais nem supõe tenham existido... E o extraordinário é que continuou produzindo até quase o fim de seus dias, pois vários dos livros mencionados datam de poucos anos. E ainda anunciava “prontos para o prelo” uma gramática sânscrita, um estudo sobre as heresias, outro sobre a filosofia do *Bhagavad-Gita* e, ainda outro, sobre Euclides da Cunha. Do autor de *Os Sertões* já havia tratado ligeiramente em seu livro *Estudos Vários*, que reúne, como o título o diz, diversas monografias que vão desde a gíria do Novo Testamento até Gustavo Teixeira, o suave poeta de São Pedro, passando pelo Doutor Lund, por Antônio Conselheiro e pela origem da fábula.

Sua bibliografia indica que, após os estudos gerais de Glotologia, passou Bertolaso a interessar-se pelas religiões da Índia, promovendo a primeira tradução em língua portuguesa do *Bhagavad-Gita* (parte da grande epopéia que é o *Mahabharata*), poema filosófico-religioso denominado o “Evangelho da Índia”, texto fundamental por excelência do hinduísmo, que Bertolaso traduziu diretamente do sânscrito.

Mais tempo houvesse e, mais ainda, poderia discorrer sobre a pessoa e a obra de Jorge Bertolaso Stella. Mas creio que o registrado basta. Meus preclaros confrades: Quando se encontra no Brasil, um homem que até os seus quinze anos era analfabeto, humilde trabalhador de enxada numa fazenda de café, e à custa de esforços próprios realiza a obra imensa que produziu, aprende praticamente todas as línguas, vivas e mortas, traduz diretamente do sânscrito seus textos sagrados mais importantes, perlustra os assuntos que sua bibliografia indica, torna-se, pela sua obra, sócio das mais renomadas entidades culturais do mundo e tem o seu nome respeitado pelos maiores especialistas da atualidade, e tudo isso dentro da maior modéstia, diria até da maior humildade possível, Senhores, é de fazer um minuto de silêncio! Não aquele silêncio convencional que se faz quando morre alguém, todos de pé, de olho no relógio para que os ponteiros caminhem depressa (e, às vezes, como custa!), mas aquele silêncio que o respeito exige, ante um homem de sua estatura moral e cultural.

*

A HISTÓRIA AMEAÇADA

Dulce C. A. Whitaker
(Araraquara, SP)

Travou-se recentemente (novembro de 1980), através da “Folha”, uma esclarecedora polêmica em torno da existência ou não da